

**Testemunho de Ana Margarida Arruda  
(amiga, investigadora do UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)**

Conheci o Gaspar na segunda metade dos anos 70 do século passado. Dependia ainda administrativamente do Conselho da Revolução, dada a sua condição de membro da Comissão de Extinção da PIDE/DGS, mas já exercia funções no Centro de Física Nuclear das Universidade de Lisboa, alojado, justa e, atrevo-me a dizer, premonitoriamente, nas actuais instalações do LIP, a instituição que fundou e sempre acarinhou.

Outros, melhor do que eu, falarão da sua acção no domínio concreto das actividades políticas desenvolvidas durante o Estado Novo, especificamente da prisão no forte de Peniche e em Caxias. Por isso refiro apenas de passagem as histórias que contava, como por exemplo a do encontro, imediatamente após a Revolução de Abril, então em lados opostos da mesa, com o esbirro que o tinha torturado anos antes e de como se impressionou com a forma como este se humilhava e implorava. Mais significativa, porque definidora do carácter do Gaspar, foi a do rádio, comprado a sua própria custa, que ofereceu ao mesmo pido, meses mais tarde, porque este se queixava da claustrofobia que sentia na cela.

A empatia mútua inicial transformou-se, à custa de estas e de outras histórias, numa amizade forte e duradoura, que nunca se perdeu, apesar de algum afastamento que os nossos percursos profissionais e pessoais acabaram, de alguma forma, por impor. Um afastamento de que, felizmente, recuperamos nos últimos 10 anos.

Conheci o Gaspar em âmbito profissional, porque, juntamente com o Professor Bragança Gil, desenvolvia investigação na área da arqueo-metalurgia, efectuando análises de artefactos metálicos pré e proto-históricos. E assim, o meu primeiro artigo publicado em revista científica, datado de 1980, foi assinado em colaboração com ambos e ainda com Victor Gonçalves, arqueólogo, professor da arqueologia na FLUL e também meu marido.



CLIO - REVISTA DO CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA - VOL. 2 - 1980

## A Necrópole da Idade do Bronze do monte de Vale de Carvalho (Sítimos)

Ana Margarida Arruda,\* Victor Gonçalves,\*  
F. Bragança Gil \*\* e Gaspar Ferreira \*\*



Mas, como todos os amigos do Gaspar sabem, os seus interesses eram muitos e variados. E a sua imensa e diversificada cultura, também humanística, permitia conversas longas, sobre temáticas múltiplas (os cavalos que encimam a basílica de São Marcos em Veneza, os ginkgo bilobas, as castas de vinho franceses, os cogumelos da Serra de Grândola, as raças de canídeos e a sua “Talpa”, os babás napolitanos,...), quase sempre diante de um copo de vinho tinto e de algum petisco, em minha casa, em Lisboa, ou na sua, então em Paço de Arcos, sempre acompanhados pelo Victor e pela Gianna. O interesse pela história e pela arqueologia levou-o mesmo a acompanhar-nos numa campanha de escavações na Serra do Algarve, no povoado calcolítico de Santa Justa, em 1981.



Nos últimos anos, falámos dos trajectos profissionais e pessoais de cada um de nós, cabendo nestes também a mágoa das ausências e as saudades dos que, estando tão próximos, nos deixaram tão cedo. Mas o presente e, sobretudo, o futuro (o dele - com o filho, a nora e a neta incluídos, o meu, o da Arqueologia e dos estudos arqueo-metalúrgicos) eram a sua preocupação, porque com as novas tecnologias disponíveis, mais e melhores análises podiam concretizar-se sobre os artefactos metálicos de bronze do 2º milénio a.n.e., esclarecendo-se assim o significado das adições de chumbo nas ligas ternárias. E combinámos um trabalho para breve, que, infelizmente, adiámos até não se ter tornado possível.

O Gaspar foi um homem bom e de bem, inteiro e íntegro. Generoso, brilhante e culto. Foi um privilégio ter podido usufruir da sua companhia e ter contado com a sua amizade.